



Recebe-se artigos e desenhos dirigidos á redacção do «Cabrião» no escriptorio da rua da Imperatriz n. 20, onde assigna-se e vende-se este jornal. O escriptorio está aberto aos Domingos, 2.<sup>as</sup> e 5.<sup>as</sup> feiras.

**ANNO I.**  
**N. 36**  
Publica-se aos domingos.

PARA A CAPITAL.	PARA A PROVINCIA.
Trimestre . . . 5\$000	Trimestre . . . 6\$000
Semestre . . . 9\$000	Semestre . . . 11\$000
Anno . . . 17\$000	Anno . . . 19\$000

Avulsos 500 rs.—Pagamento adiantado.



—As suas tundas á respeito da assembléa tem sido magnificas.—Não deve perder um só dia de sessão, porque é preciso não deixar aquella gente pizar em ramo verde. Nada de contemplações, se os taes merecem elogios pelo bem que fazem, devem ser criticados quando se afastão da linha recta.—Deixe-se de conveniências, que são ellas a causa da degradação em que se acha este pedacinho de Brasil, que já deu mostras de si no tempo em que os capitães do matto só se occupavão em pegar negros fugidos e não sentavão-se em cadeiras presidenciaes.

# CABRIÃO

SÃO PAULO 9 DE JUNHO DE 1867.

Mais são os espinhos do que as rosas que orlão a estrada que percorremos.

A nuvem negra da tormenta, paira no azul do nosso firmamento: a mão da fatalidade está de continuo armada sobre a fronte dos nossos irmãos.

A taboa da lei feita em pedaços, a espada da justiça de a muito embotada, o charlatanismo ornado com a purpura da sciencia, a toga substituida pelo andrajo, a mentira pela verdade, a fé pelo scepticismo, o dia pela noite, Deus por Satan; eis o quadro pungente da actualidade, quadro vivo exposto á curiosidade da geração que passa vergada ao peso da descrença, do temor, e do infortunio.

A heroica provincia de S. Paulo é victima do despotismo de um «homunculo», vê seus filhos carregando pesados grilhões, suas leis violadas de continuo, sua lavoura em abandono, suas estradas despresadas, seus cofres vasis, tudo presagiando um futuro medonho; e, mãe desventurada—não encontra em seus filhos, n'aquelles á quem collocou mais alto, para melhor verem e julgarem, a coragem da franquesa contra esta tyrannia exercida na terra de Ypiranga, no berço da independencia...

Pobre paiz. Sacrificão-te em nome da liberdade, deste symbolo augusto á cuja sombra se abrigão filhos ingratos, que por amor do «eu», fechão os olhos á luz, e deixão-se levar pela turba multa dos incensadores do poder.

Pobre paiz. A Divina Providencia, preserva-te do «cholera», mas em seu lugar envia-te um «tyrannete» mais terrivel, mais ameaçador, que tudo inffeciona, que tudo adoenta, que á tudo dá morte.

Pobre paiz. Quando raiará o dia da tua emancipação? Quando se erguerá no horisonte o sol que deve allumiar a tua grandasa, a tua victoria, a tua felicidade?

.....

.....

## Gazetilha.

FURTADO COELHO.—Corre que este artista dramatico, muito conhecido e applaudido em S. Paulo, está com desejos de vir com toda a companhia do Gymnasio da Côte até esta capital, para levar aqui á scena—«O remorso vivo» «O actor» «Os pobres de Paris» «A Familia Benoiton», e outros dramas do seu escolhido repertorio.

Dizem que o carro sómente péga no empresario de S. José.

A vinda de Furtado Coelho era entretanto um magnifico petisco para os paulistas, que já devem estar bem cançadinhos de tanto comer gato por lebre.

QUESTÃO PANELLEIRA.—Um certo advogado em uma das sessões do jury produzio este pedaço de eloquencia que deixou a rapaziada com a boca aberta.

«Que panella é esta? D'onde veio esta panella? Quem é o dono desta panella?

«Esta panella é um phantasma que vaga no processo, porque ora é panella, ora é cangirão, ora é cassaróla, e ora é frigdeira.

«Como saber se a panella era de ferro, de barro, ou de estanho, se a panella não foi vista, se a panella não foi examinada, se a panella não soffreu aucto de corpo delicto? !...»

Tratava-se no processo que deu lugar á este pedacinho de ouro, de um furto de panellas.—O orador esteve na altura do assumpto.

PRAÇA DO MERCADO.—Na assembléa provincial discutiu-se na semana finda o regulamento da «Praça do Mercado». O publico divertio-se muito com esta discussão alimenticia, e não perdeu o seu tempo porque ficou sabendo que o repollo é «genero de recreio» e a gallinha «animal de consumo».

O sr. Valladão mostrou suas habilidades na «arte culinaria» e o sr. Paula Leme brilhou na fórma do costume.

O que não se verá nesta terra, desde que o «El-

Supremo» veio habitar a casa dos antigos Jesuitas? . . .

## Como se morre para o mundo.

### I

O celebre pintor flamengo Pedro Paulo Rubens, percorrendo um dia os templos de Madrid acompanhado de seus afamados discipulos, entrou na igreja de um mesquinho convento, cujo nome a tradição nos não designa.

Quasi nada encontrou que admirar o grande artista naquelle pobre e arruinado templo; mas saindo para continuar as suas investigações, descobriu um quadro meio occulto nas sombras de uma capella; aproximou-se d'elle e soltou um grito de espanto.

Os seus discipulos cercarão-n'o e perguntarão-lhe:

—O que descobriu, mestre?

—Olhem!—disse Rubens apontando para o quadro, por unica resposta.

Os discipulos ficarão tão maravilhados como o autor do «Descimento».

O quadro representava a morte de um religioso moço, e de tal belleza que a penitencia e agonia não tinham podido apagar.

Achava-se estendido nos ladrilhos da sua cella, vellados já os olhos pela morte, com a mão esquerda estendida sobre uma caveira, e abraçando com a outra junto ao coração um crucifixo de madeira e cobre.

No fundo descobria-se outro quadro, que figurava estar suspenso da parede da cella, por cima do leito donde indubitavelmente descera o frade para morrer com mais humildade na dura terra.

Este segundo quadro representava uma mulher, tambem moça e formosa, porém igualmente morta, e estendida n'um ataúde entre funereos tocheiros e luxuarios crepes.

Ninguem poderia olhar estas duas scenas, contidas uma na outra, sem comprehender que se expli-

cavão e completavão reciprocamente. Um amor desgraçado, uma mulher morta, um desengano da vida, um esquecimento eterno do mundo—eis o mysterioso drama desenhado nos dois quadros que encerrava aquella pintura.

Além disso, a composição, o desenho e o colorido, revelavão um genio de primeira ordem.

O pasmo de Rubens era cada vez maior.

—Mestre, de quem será esta magnifica obra?—perguntarão a Rubens os discipulos que já tinham visto o quadro.

—Neste angulo houve um nome escripto—respondeu o mestre;—ha poucos mezes, porém, que foi riscado. Em quanto á pintura, não tem mais de trinta annos nem menos de vinte.

O auctor...

—O auctor, pelo merito do quadro, podia ser Velasquez, Zurbaran, Ribera ou Murillo. (1) Não é Velasques nem Zarbaran, se se attender á cor, e ao modo de ver o assumpto. Tambem não deve attribuir-se a Murillo nem a Ribera; aquelle é mais terno e este é mais sombrio; além disso, não pertence ás suas escolas. Em summa, não conheço o autor do quadro, e até juraria que nunca vi trabalhos seus. Vou mais longe; creio que o pintor desconhecido que legou ao mundo esta obra primorosa, não pertence a nenhuma escola, nem pintou outro quadro além deste, nem teria podido pintal-o de modo que se lhe aproximasse em merito, apezar do genio que nelle se revela. E' esta uma obra de pura inspiração, um assumpto proprio, um reflexo da alma, a cópia da vida... Querem saber quem pintou este quadro? Pintou-o, sem duvida, o proprio morto que nelle veem!

—Engana-se, mestre.

—Não; bem me entendo.

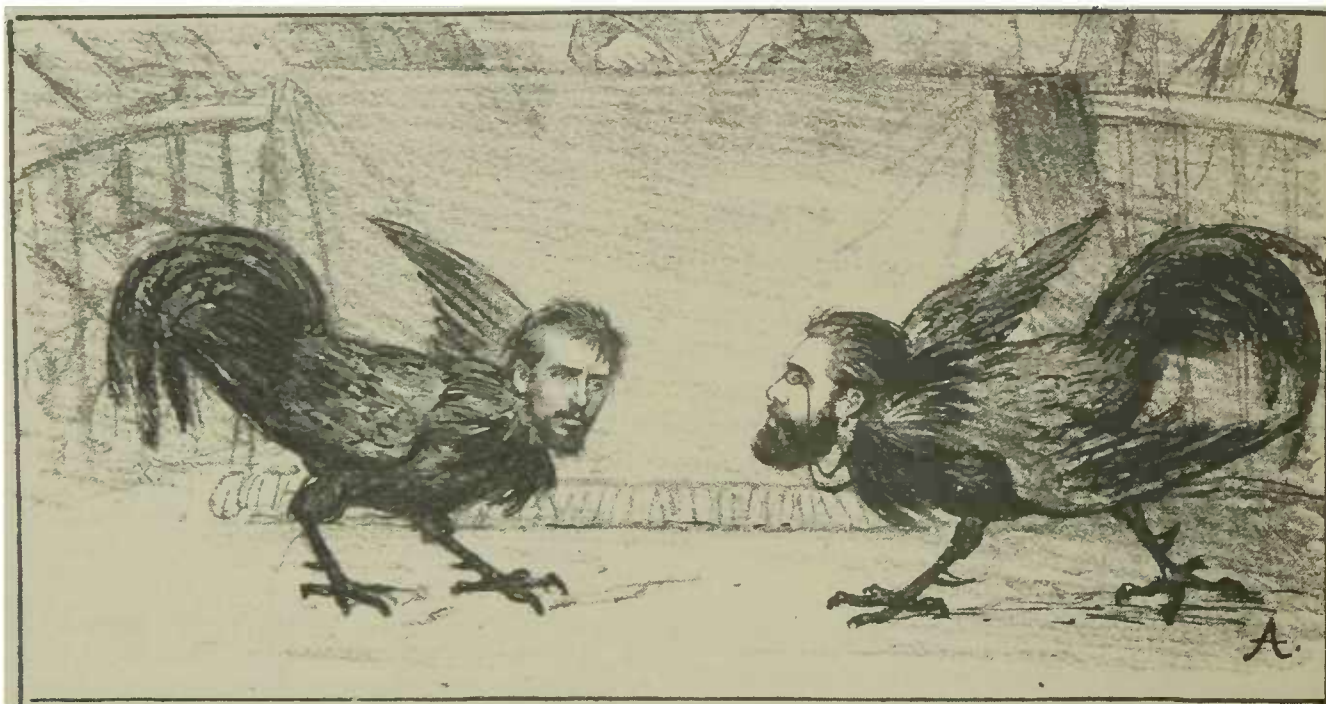
—Como julga que um defunto haja podido pintar a sua vida?

—Julgando que um vivo pôde pintar a sua morte.

—Acredita-o?

(1) Velasquez, Zurbaran, Rivera e Murillo, são os quatro mais famosos pintores hespanhoes contemporaneos de Rubens (seculo xvii).





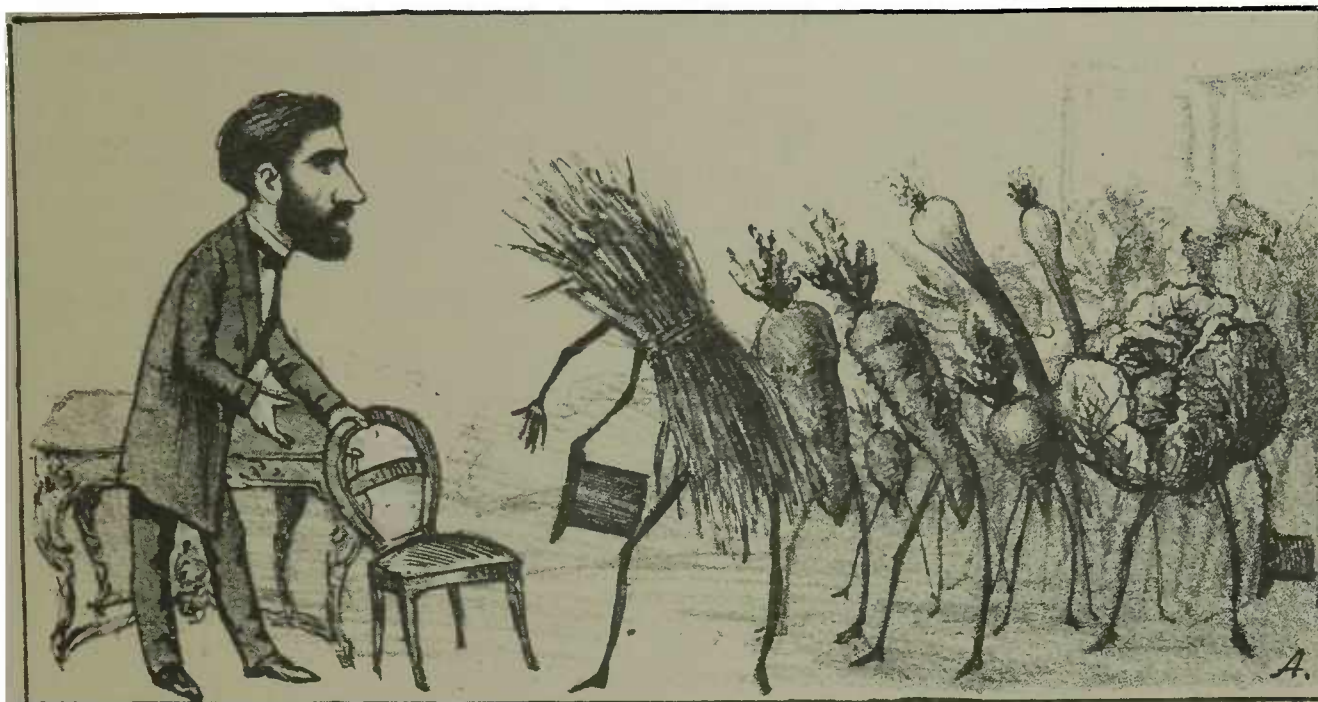
### Sessão de 31 de Maio.

Se as discussões continuarem assim, achamos conveniente que o sr. «Batuíra» vá presidir a assembléa, por ser avezado na direcção deste genero especial de discursos calorosos.



—Para pescar nestas aguas, é preciso muita tactica, muita espertesa, e muita ronha. E necessario olho vivo, ouvido alerta, mão firme, e bico calado. Digão lá o que quizerem, se a «cousa» pegar na isca, fico arranjado e rio-me dos tolcs. Pensão elles «talvez» que sou alguma besta e que não sei aproveitar a situação! . . . Ah, ah, ah. Bestas são elles, que tem pimenta na lingua e não podem estar quietos na assembléa, como eu. E tãobem de que serve ser um simples deputadinho provincial «hoje em dia» se a gente não aproveita a occasião para embarcar sua bisca?





—Senhor deputado, viemos agradecer-lhe a brilhante defesa que fez ao regulamento da Praça do Mercado, e a lisongeira qualificação que deu-nos de «verduras e hortaliças de recreio.» V. s. nos emancipou da vil e abjecta posição de generos alimenticios, que temos arrastado desde que o mundo é mundo! V. s. é para nós uma segunda Providencia! Um outro Deus, a quem nos dedicamos todos de alma e coração. São estes nossos votos; quanto aos meus em particular, simples feiche de grammias, o que sinto é já não ser verdura alimenticia para offerecer-me á v. s.



—Em suas explicações ao regulamento da Praça do Mercado, o sr. Leme chama—á isto «animal de consumo!» E o caso é que tem o apoio de muita gente boa.



—Cá por minha parte, o que desejo, é saber a razão porque o collega Leme, entende que isto é «genero de recreio.»....

—Creio que aquella mulher que está no fundo do quadro, era a alma e a vida do frade morto no chão ; creio que quando ella morreu, tambem elle se julgou morto, e morreu effectivamente para o mundo ; creio, emfim, que esta obra, mais que o ultimo instante de seu heroe ou de seu autor, que é indubitavelmente a mesma pessoa, representa a profissão de um mancebo desenganado da vida.

—De qualquer modo...

—De qualquer modo o assumpto hade ter data, e o esquecimento ou o tempo cura tudo. Necessitamos de procurar o desconhecido artista, e saber se chegou a executar outras obras.

## II

Fallando desta forma, Rubens dirigiu-se a um frade que resava na capella-mór, e disse-lhe com a sua habitual jovialidade.

—Terá a bondade de annunciar ao padre prior que quero fallar-lhe da parte d'el-rei ?

O frade, que era homem de avançados annos, levantou-se penosamente, e respondeu com voz humilde e quebrantada :

—Que me queres ? O prior sou eu.

—Perdoai, meu padre,—replicou Rubens,—que interrompa as suas orações. Poderia dizer-me quem é o autor daquelle quadro ?

—Daquelle quadro ?—repetiu o religioso.—Não me recordo.

—Como ?; Soube-o já ; e esqueceu-o ?

—Sim, meu filho ; esquecio-o completamente.

—Pois, meu padre,—disse Rubens com ar zombeteiro e de mau humor—tem fraca memoria !

O prior tornou-se a ajoelhar.

—Venho em nome d'el-rei.—gritou Rubens emphaticamente.

—Que mais determina, meu irmão ?—murmurou o frade erguendo tranquillamente a cabeça.

—Comprar-lhe este quadro.

—Esse quadro não se vende.

—Muito bem : necessito então saber onde encontrarei o auctor.

—Tambem é impossivel. O autor já não está neste mundo.

—Morreu !—exclamou Rubens com desesperação.

—O mestre dizia bem,—murmurou um dos moços discipulos ;—o quadro está pintado por um defunto...

—Morreu !—repetiu Rubens ;—e ninguém o conheceu ! esquecerão-lhe o nome ! um nome que devia ser immortal ! um nome que teria eclypsado o meu. Sim, «o meu». . ! acrescentou o artista com honroso orgulho—porque eu sou Pedro Paulo Rubens !

A este nome glorioso, que nenhum homem consagrado a Deus podia desconhecer, por andar ligado a cem quadros mysticos, que erão verdadeiras maravilhas da arte, o rosto macilento do prior corou subitamente, e elle, erguendo os amortecidos olhos, fitou-os no semblante do flamengo com tanta veneração como prudencia.

—Ah ! conhecia-me !—exclamou Rubens com infantil satisfação.—Avalio-o do intimo d'alma. Desse modo será menos prior e menos frade comigo. Ora, vamos...vende-me o quadro ?

—E' impossivel ; respondeu o prior.

—Muito bem ; sabe de alguma outra obra desse genio mallogrado ? Não se poderá lembrar do nome d'elle ? Quer dizer-me quando morreu ?

—Não me comprehendeu, penso,—replicou o frade.—Disse-lhe que o autor dessa pintura não pertencia ao mundo ; porém não quiz dizer-lhe que tivesse morrido.

—Vive ! vive !—exclamárão todos os pintores.—Faça que o conheçamos !

—Para que ? O infeliz renunciou tudo da terra ; nada tem que vêr com os homens...Nada !

—Oh !—disse Rubens com exaltação—não póde ser, meu padre ! Quando Deus accende na alma o fogo sagrado do genio, não é para que essa alma se sepulte na obscuridade, senão para que cumpra a missão sublime de illuminar a alma dos outros homens. Indique-me o convento em que se occulta o grande artista, eu irei buscal-o, e restituil-o-hei á sociedade. Quanta gloria o não espera !

—Mas... se elle a recusar ?—perguntou o prior.

—Se a recusar supplicarei ao papa, com cuja amizade me honro, e o papa o convencerá melhor que eu.

—O papa !—repetiu o prior.

—Sim, padre ; o papa—tornou Rubens.

---Veja que não lhe diria o nome do pintor, ainda que me lembrasse delle; veja que não lhe direi o convento em que se refugiou.

---Não tem duvida, padre; e rei e o papa o obrigará a dizer---respondeu Rubens grosseiramente.

---Não faça tal!--exclamou o frade.---Andaria bem mal, senhor Rubens! Leve o quadro, se quiser; porém deixe tranquillo o que repousa. Fallo-lhe em nome de Deus! Sim, eu conheci, amei, consolei, resgatei, salvei de entre as ondas da sociedade, naufrago e agonisante, esse grande homem, como diz, esse desgraçado e cego mortal, como lhe chamo; esquecido hontem de Deus e de si proprio, hoje proximo da suprema felicidade. A gloria! Conhece outra maior do que essa a que elle aspira? Com que direito quer ressuscitar-lhe n'alma o fogo factuo das vaidades mundanas, quando lhe arde no coração o facho inextinguivel da caridade? Julga que esse homem, antes de se apartar do mundo, antes de renunciar a riqueza, a fama, o poder, a mocidade, o amor, tudo, enfim, quanto desvanee os mortaes, não terá sustentado grave lucta com o seu coração? E quererá trazel-o de novo á peleja quando já triumphou? Não adivinha, de certo, senhor Rubens, os desenganos, os pezares, as amarguras que lhe acarretaria o conhecimento da verdade das cousas humanas?

---Isso é renunciar a immortalidade!-- gritou Rubens.

---Não, é aspirar a ella.

---E com que direito se interpõe entre esse homem e o mundo? Deixe que elle falle, e elle decidirá.

---Faço-o com o direito de um irmão primogenito, de um mestre, de um pae, que tudo isto sou para elle. Faço-o em nome de Deus, torno a dizer-lhe. Respeite-o para socogo de sua consciencia.

E assim dizendo, o religioso cobrio a cabeça com o capuz do habito, e affastou-se atravessando o templo.

---Vamos,--disse Rubens.--Sei o que me resta fazer.

---Mestre,--exclamou um dos discipulos que durante a interior pratica estivera olhando ora para o religioso, ora para o quadro;--não julga que esse velho frade se parece muito com o mancebo que vemos moribundo no quadro?

---E' verdade.---exclamárão promptamente todos.

---Tirem-lhe as rugas e as barbas brancas, sommem es trinta annos que manifesta a pintura, e resultará que o mestre tinha razão quando affirmou, que o religioso morto era ao mesmo tempo retrato e obra de um religioso vivo. Condemne-me Deus, se esse religioso vivo não é o padre prior.

### III

Rubens, scmbrio, envergonhado e profundamente enternecido, viu afastar-se o ancião, que o saudou cruzando os braços no peito antes de desaparecer.

---«E' elle»...---Sim, balbuciou o artista.---Vamos.---acrascentou, com emphase, voltando-se para os discipulos.---Esse homem tinha razão. A gloria delle valle mais que a minha, porque não é ephemera e vã. Deixemol-o morrer em paz!

E dirigindo um ultimo olhar ao quadro que tanto o surprehendera, saiu do convento e dirigiu-se ao paço, onde suas magestades catholicas, segundo o costume como é notorio, honravão o famoso pintor recebendo-o á sua meza.

Tres dias depois voltou em busca do quadro, com o intuito de tirar uma cópia, mas já lá o não achou!

Em compensação, viu que se estava celebrando uma missa de «requiem».

Aproximou-se para observar o semblante do defunto, que estava de corpo presente no meio da igreja, e viu com admiração e sentimento que era o do padre prior.

---Grande pintor era.---disse Rubens.---E agora ainda tem maior parecença com o retrato, que o do quadro era, com effeito, delle. Esvaeceu-se mais uma esperanza para mim; talvez que para elle fosse grande felicidade. Deixou de padecer.

O mundo é assim!

## AOS SRS. ASSIGNANTES.

**Previne-se aos snrs. assignantes do «Cabrião» que está se effectuando a cobrança do terceiro trimestre.**

**Pedimos-lhes pois se dignem coadjuvar-nos com a indispensavel pontualidade no pagamento.**

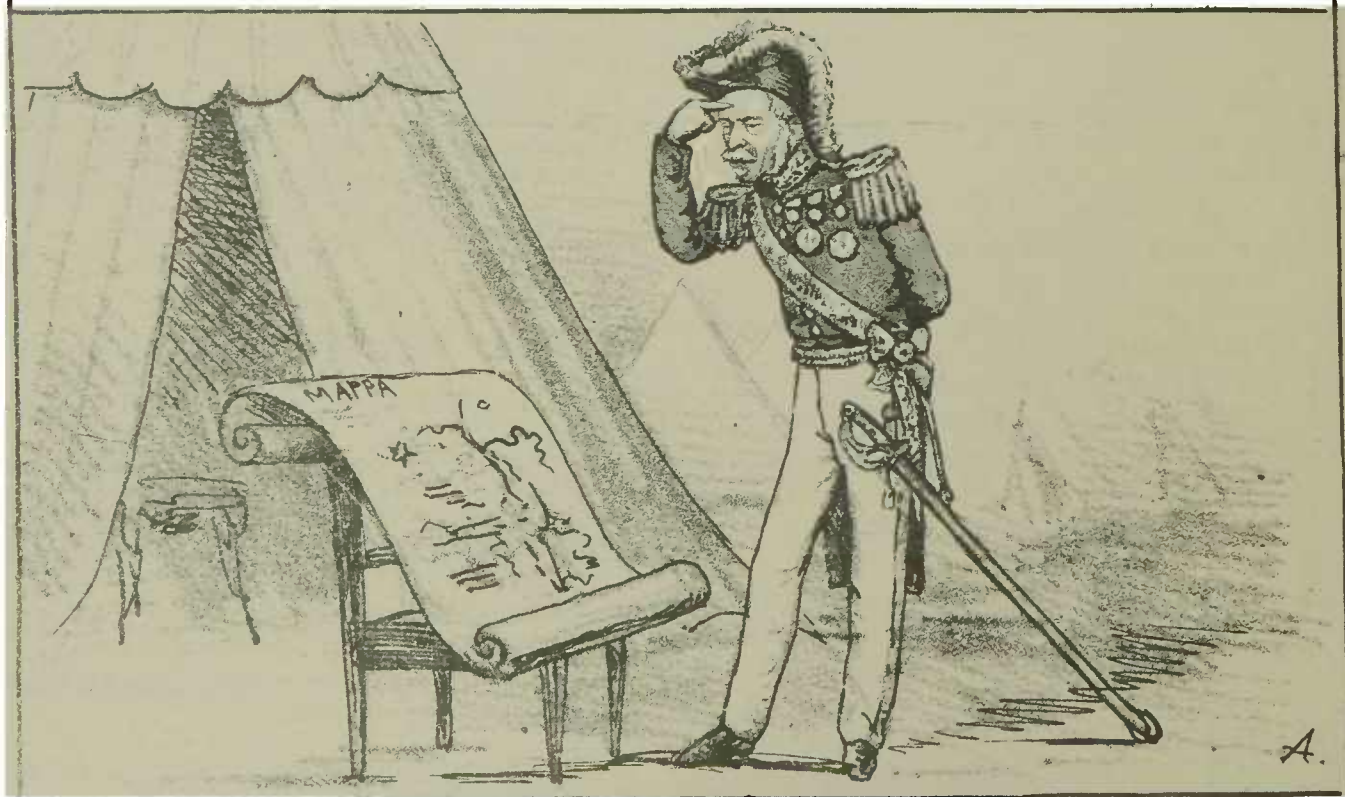
Lythotypo de H. Schroeder.





**Rio de Janeiro.**

Continúo á tratar dos destinos do paiz . Pobre Brasil !



**Theatro da guerra.**

Continúo á tratar dos destinos do paiz ! Pobre Brasil !